

O delírio como "desinserção" da linguagem

Hebe Tizio

Resumo: O texto propõe ser o delírio psicótico uma desinserção da linguagem, por oposição ao que se poderia considerá-lo como uma inserção nela. Esclarece o papel de laço social exercido pela linguagem como discurso comum e termina por defender a função ética da psicanálise em dar lugar a essa desinserção original, no tratamento do psicótico.

Palavras-chave: delírio, desinserção, linguagem, psicose.

Título em inglês: **Delirium as "detachment" of language**

Abstract: The text proposes to be the psychotic delirium a detachment of language, as an opposition to what one might consider it an insertion in itself. Clarifies the role played by language while a social tie as a common discourse. Ends up defending the psychoanalysis ethical function working with this detachment in the treatment of psychotic.

Keywords: delirium, detachment, language, psychosis.

O delírio como "desinserção" da linguagem¹

Hebe Tizio²

O fenômeno elementar e a construção do delírio

O delírio é um discurso articulado a partir de um fenômeno elementar que funciona como axioma. A linguagem serve para construir o delírio, mas, ao mesmo tempo, esse uso desarticula da linguagem, como discurso comum, aquele que organiza o laço social³.

O fenômeno elementar pode ser pensado como um S_1 que não permite o movimento em direção ao Outro, mas se mantém fixado, sozinho, sem articulação, o que faz disso um enigma que adquire uma significação pessoal. A perplexidade é a consequência desse tempo de parada. A saída para isso pode ser a construção de um

delírio que permita a produção de uma prótese, de um S_2 que responda à necessidade de incluir o fenômeno em um discurso que lhe dá um sentido. É preciso tempo para que se possa prender juntos o fenômeno elementar, a certeza e o saber delirante.

Essa produção só preenche parcialmente sua função, porque, apesar de tirar o sujeito de sua perplexidade, ela continua escrava do axioma não modificável, e o gozo infiltrado na linguagem lhe confere um funcionamento próprio, a céu aberto. É desse modo que o discurso converge sobre um ponto inerte que testemunha a morte do sujeito.

Os fenômenos elementares não se situam no registro da compreensão e, como Lacan bem aponta, o delírio não é deduzido, ele reproduz a mesma força constituinte e, nesse sentido, ele é também um fenômeno elementar. Isso faz referência à estrutura "irredutível a outra coisa que não ela mesma"⁴.

Desse ponto de vista, o que Freud chama "restabelecimento", "reconstrução" da realidade pela via do delírio pode ser pensado como uma tentativa de reinserção. Freud indica que a compensação da perda da realidade não se faz ao preço de uma restrição do Isso⁵. Com efeito, pode-se dizer que é o gozo que irá comandar o discurso, alterando o uso da linguagem. Lacan assinala que algumas palavras tomam uma densidade e um peso diferentes. Ele se refere aos neologismos como "forma especial de discordância com a linguagem comum"⁶. Assim, a economia do discurso, a relação de significação à significação e a relação com a ordem normativa do discurso foram suas indicações para distinguir o delírio.

A linguagem como defesa

A linguagem como elucubração sobre *lalíngua* organiza um conjunto de convenções. Ela comporta nisso um caráter defensivo à medida que é uma tentativa de reduzir o gozo de *lalíngua*. Ela se organiza como se fosse o discurso do mestre de *lalíngua* que faz funcionar a gramática como um freio, a pontuação para reforçar o efeito de sujeito e separar o objeto, e a significação para fazer barreira e permitir as transgressões aceitáveis.

O que se chama "o social" é um discurso comum que veicula as soluções *prêt-à-porter*, um saber-fazer provedor dos recursos normalizantes e, como tais, conservadores. Assim pode-se dizer que "o social" é a produção de diversos aparelhos portadores dos recursos *standard* contra o real, donde a figura sempre inquietante do "louco" que se apresenta diferentemente desses semblantes.

Se isso é considerado do ponto de vista da linguagem, pode-se argumentar sobre a recusa radical autística, a ironia esquizofrênica e sua linguagem de órgãos sem discurso, a mania e seu retorno mortal sobre a cadeia significante, bem como o

delírio sistematizado do paranóico. Tais são os casos fora do discurso. O sujeito comum e ordinário não toma a sério seu discurso interior⁷: ele se serve do discurso normalizado para ajustar alguma coisa de seu corpo, da relação com o outro, da “comunicação”, para encobri-lo. O psicótico toma as coisas muito a sério, já dizia Lacan. Ele leva a sério o discurso interior que se encontra exteriorizado e faz um uso privado da linguagem.

Lacan sempre sustentou essa aceção de que nós todos deliramos. Já no *Seminário III* ele diz: “nós temos todos alguma coisinha de comum com os delirantes”⁸. Mais tarde, retendo a vertente do excesso de rigor, essa maneira de levar muito a sério e de tentar compreender o conduz a declarar que, nesse sentido, ele era psicótico; consideração que igualmente aplicou às construções lógicas⁹.

O psicótico opõe o delírio ao furo do sem sentido e essa afirmação “nós todos deliramos” relaciona-se tanto a esse furo “forclusivo”, quanto ao Outro barrado como produto do enodamento dos registros heterogêneos que sustentam a realidade psíquica e discute a ausência de referência universal.

Mas um furo com bordas que deve ser diferenciado do furo sem bordas e de seu efeito de aspiração por um gozo invasivo. Esta citação de Lacan marca bem a diferença:

“Com a linguagem, nós latimos atrás dessa coisa. E o que quer dizer S (A/), S de A barrado, é que isso não responde. É nisso que nós falamos sozinhos, até que surge o que chamamos um eu do qual nada garante que ele não possa, propriamente falando, delirar. É nisso que eu aponte, como Freud aliás, que não se deveria olhar muito de perto pela é da psicanálise. Entre loucura e debilidade mental, temos somente a escolha.”¹⁰

Essa escolha implica o uso dos semblantes, do engano e de se fazer de bobo.

“Desinserção”

A psicanálise demonstra desde o seu início que o sujeito se encontra inserido na língua fundamental, para Freud, e em *lalíngua*, para Lacan, e que é essa inserção que sustenta a realidade. Como indicado mais acima, o discurso comum faz a função de modulador para domesticar esse gozo e organizar um espaço social.

O tema da “desinserção”¹¹ do laço social na psicose é tratado já por Freud, ainda que em termos diferenciados, quando ele diz que há a retirada da libido dos objetos¹². Ele fala de restituição segundo um modo histérico alucinatório, na demência precoce, e segundo um modo obsessivo, na paranoia¹³, pela via do delírio. O trabalho do delírio é apresentado como uma construção que não tem o “esplendor” da realidade, mas que torna o mundo “habitável”¹⁴.

Apesar disso, nem todo delírio resulta numa desconexão social e, por vezes, ao contrário, leva a uma hiperconexão como no caso dos reformadores¹⁵. Como indica J.-A. Miller, a invenção esquizofrênica se refere ao órgão, ao passo que a invenção paranoica recai sobre o laço social, sobre a relação ao Outro¹⁶ e isso faz com que, em alguns casos, aconteça que o delírio reforce o laço social. A questão é, então, saber se tal delírio virá a fazer laço social e sob quais condições: é o que deve ser examinado em cada caso. É o que eu pude observar em dois casos de paranoia, em que o delírio sustentava um hiperlaço, e nos quais as desestabilizações apareciam quando alguém se recusava a se submeter aos seus ardores "humanitários". Em um caso, desencadeou-se uma ferocidade educativa beirando a ofensa e, no outro, desenvolveram-se episódios persecutórios que tiveram, como consequência, o abandono do trabalho de voluntariado.

O que o delírio nos ensina

É precisamente o traumatismo do significante que obriga a uma invenção subjetiva de sentido. Essa permite ver o funcionamento do discurso do mestre e como o sujeito dele se serve para poder se orientar fora do discurso. Isso implica que o discurso não regula o gozo, mas que o sujeito deva nele construir um, de modo delirante, ficando sempre à mercê de uma irrupção de gozo. É a construção do Outro do gozo ameaçador que dá conta de que, na realidade, o paranoico situa o a-a' e o delírio no vazio simbólico.

No *Seminário III*, Lacan indica que o delírio como texto se diferencia da neurose, na medida em que explicita uma verdade que se encontra quase teorizada. Os efeitos da forclusão, os defeitos de enlaçamento não colocam em jogo o semblante que produz o recalçamento para encobrir o que do funcionamento aparece explícito. A estrutura "irredutível a outra coisa que não ela mesma" evidencia o núcleo da repetição.

O psicótico mostra, a céu aberto, como o sujeito se insere no discurso e é aí mesmo que se situa o problema da "desinserção" com suas repercussões sobre o laço social.

É a orientação do psicótico, sua maneira particular de tratar o discurso comum, que o leva a encarnar, para o Outro social, o real que ele tenta dominar. O ataque progressivo contra a psicose se manifesta nos tratamentos preconizados e na desqualificação da psicanálise como tratamento possível. Trabalhar pela "desinserção" do delírio em nome de uma reinserção social do psicótico leva ao pior. É a razão pela qual o tratamento, em psicanálise, da "desinserção" dá conta de uma pragmática ligada à ética desse discurso.

Tradução: Paula Pimenta

Revisão da tradução: Márcia Mezêncio

¹ No original: "Le délire comme désinsertion du langage". Publicado em **Mental**, n. 24. *Clinique et Pragmatique de la Désinsertion en Psychanalyse*. Revista da Federação Europeia das Escolas de Psicanálise, Clamecy, abril de 2010, p. 24-28. Traduzido e publicado em *Almanaque On-line* com o consentimento da autora.

² AME, membro da EOL e da ELP / AMP.

³ MILLER, J.-A. "L'invention psychotique". **Quarto**, nº 80-81, jan. 2004, p. 6-13. (Em português: "A invenção psicótica". Opção Lacaniana, nº 36. São Paulo: Edições Eólia, maio 2003, p.6-19).

⁴ LACAN, J. **Le Séminaire, livre III, Les Psychoses**. Paris: Seuil, 1981, p. 28. (Em português: "O Seminário, livro 3: As psicoses". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 29).

⁵ FREUD, S. **La perte de la réalité dans la névrose et dans la psychose. Névrose, psychose et perversion**. Paris: PUF, 1981, p. 300-301. (Em português: "A perda da realidade na neurose e na psicose" (1924). In: Obras Completas de Sigmund Freud, v. 19, Rio de Janeiro: Imago, p. 229-234).

⁶ LACAN, J. **Le Séminaire, livre III, Les Psychoses**. Paris: Seuil, 1981, p. 43. (Em português: "O Seminário, livro 3: As psicoses". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 43).

⁷ Ibidem. p. 140. (Em português: p. 144)

⁸ Ibidem. p. 59. (Em português: p. 60)

⁹ LACAN, J. **Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines**. Scilicet nº 6/7, Paris: Seuil, 1976, p. 9 e 29. (Em português: inédito).

¹⁰ LACAN, J. **Le Séminaire, livre XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre**. Lição de 11 janeiro de 1977, Ornica? nº 14, Paris: Lyse Pâques, 1978, p. 8-9. (Em português: inédito).

¹¹ N.T.: a opção de se colocar aspas em "desinserção" se justifica por ser esta uma palavra inexistente no vocabulário da língua portuguesa. Ela foi, no entanto, mantida em sua tradução por transmitir um conceito caro às formulações mais atuais da psicanálise de orientação lacaniana.

¹² FREUD, S. "Pour introduire le narcissisme". **La vie sexuelle**. Paris: PUF, 1982, p. 82. (Em português: "Sobre o narcisismo". In: Obras Completas de Sigmund Freud, v. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 91)

¹³ Ibidem. p. 93. (Em português: p. 103)

¹⁴ FREUD, S. "Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa". **Cinq psychanalyses**. Paris: PUF, 1981, p. 315. (Em português: "Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia". In: Obras Completas de Sigmund Freud, v. 12, Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 94).

¹⁵ MILLER, J.-A. "L'invention psychotique". **Quarto**, nº 80-81, jan. 2004, p. 10. (Em português: "A invenção psicótica". Opção Lacaniana, nº 36. São Paulo: Edições Eólia, maio 2003, p. 11).

¹⁶ Ibidem.